



Miúda Online 2 ON TOUR



ZOE SUGG



*Para as pessoas que tornam isto possível
e que me incentivam das linhas laterais.
Estou eternamente grata.*

20 de junho

Como Sobreviver a Uma Relação de Longa Distância Quando o Teu Namorado É Um Deus do *Rock Supersensual*

1. Faz *download* do *Skype*, *WhatsApp*, *Snapchat* e basicamente de todas as aplicações de comunicação que encontrares. Fica acordada toda a noite com um pijama tipo panda a conversar com o teu namorado até as tuas pálpebras começarem a pesar e teres mesmo de ir dormir.
2. Sempre que acordares e tiveres saudades dele, ouve várias vezes a música *Miúda de Outono*.
3. Instala uma aplicação no teu telemóvel que te indique a hora do sítio onde ele estiver para não o acordares sem querer às três da manhã para conversar. (Já devo ter feito isto umas dez vezes!)
4. Compra um calendário e assinala os dias que faltam até o veres outra vez (a propósito, já só faltam CINCO DIAS).
5. Arranja maneira de ganhares a lotaria para poderes desistir da escola e voares até onde ele estiver para não teres de estar outra vez tanto tempo afastada dele.

6. Dê por onde der, NÃO vás à Internet ver vídeos da superdeslumbrante estrela da *pop* Leah Brown enquanto ela se abana toda em frente ao dito namorado diante de milhões de fãs aos gritos.
7. E NÃO faças buscas pelo nome dele para veres as coisas fixes que anda a fazer enquanto tu estudas para os exames.

Minhas queridas leitoras, mesmo que um dia ache que posso publicar este blogue de uma forma não privada, não vou fazê-lo.

Porque eu sei... Não posso admitir que me sinto insegura e bem longe de ser bonita e bem mais do que ligeiramente ciumenta quando o meu namorado é o tipo mais querido do mundo e não me deu motivos para me sentir assim, certo?

Digam-me que isto com o tempo melhora. Não sei como vou sobreviver.

A Miúda Offline... nunca fica online xxx

★ ★ ★ *Capítulo Um* ★ ★

Cinco dias mais tarde

Deveria ser oficialmente ilegal as salas de exames terem vista para o mar.

Como é que é possível estarmos aqui enfiados, com os dedos doridos ao fim de duas horas seguidas a pegar na caneta, enquanto lá fora a luz dança sobre as ondas e parece tão brilhante e reconfortante?

Como é que hei de me lembrar de quem era a quarta mulher do rei Henrique VIII quando os pássaros cantam e quando juro que consigo ouvir ali perto a melodia feliz de uma carrinha de gelados?

Abano a cabeça, afastando da mente a visão de um cone de gelado deliciosamente suave com uma bolacha atrevida lá espetada, e tento estabelecer contacto direto com o cérebro do meu grande amigo Elliot. Ele não vai ter grandes problemas a lembrar-se de qualquer um destes factos e vultos no seu exame de História. Dei-lhe a alcunha de Wiki, porque o cérebro dele contém tanta informação como a *Wikipédia*, enquanto os meus apontamentos de revisão da matéria me desaparecem da memória tão depressa como uma *snap*.

Suspiro e tento concentrar-me na pergunta do exame, mas as palavras nadam em frente aos meus olhos e não consigo perceber

os meus sarrabiscos confusos. Espero que quem tiver de os avaliar tenha mais sorte.

Escolher História para obter o certificado geral do secundário nunca foi boa ideia. Na altura, escolhi baseada no que pareciam fazer todos os outros. A única disciplina que eu sabia sem qualquer dúvida que tinha de tirar era Fotografia. A verdade é que não faço ideia do que quero ser quando acabar os estudos.

— OK, toda a gente, vamos a pousar as canetas — disse o examinador na frente da sala.

A minha boca seca instantaneamente. Não imagino quanto tempo estive a sonhar acordada, mas sei que não acabei de responder a todas as perguntas. Estes exames determinam as matérias que vou estudar no próximo ano, e já fiz asneira da grossa. Tenho as palmas das mãos todas suadas e já não consigo ouvir os pássaros a cantar lá fora. Só ouço o grasnar das gaivotas. Até parece que estão a cantar-me «Erra, Erra, Erra» ao ouvido. Tenho o estômago às voltas e sinto-me um pouco enjoada.

— Penny, vens? — Olho para cima e a minha amiga e colega de turma Kira está à espera junto à minha secretária. O examinador já me levou a folha e eu mal dei por isso.

— Sim, é só um segundo.

Pego na minha mala e deslizo para fora da cadeira.

E então, ao levantar-me, uma onda de alívio faz desaparecer a minha indisposição. Seja qual for o resultado, já está: o meu exame final. Por este ano, a escola está acabada!

Exibo um sorriso parvo enquanto faço «dá cá mais cinco» com a Kira. Sinto-me mais próxima dos meus colegas — especialmente das gémeas, Kira e Amara — do que durante todo o tempo que já passei nesta escola. Uniram-se à minha volta no rescaldo do drama ocorrido no início do ano — uma parede firme de amizade contra a devastadora enxurrada de notícias. Os *media* ficaram loucos quando descobriram que eu namorava com a estrela do

rock Noah Flynn e depois deram com o meu blogue; desenterraram pormenores privados da minha vida e chamaram-me de destruidora de lares, dado que o Noah supostamente tinha uma relação com a megaestrela da *pop* Leah Brown. Foram os piores dias da minha vida, mas os meus amigos ajudaram-me a dar a volta à situação. Quando tudo terminou, o drama acabou por unir-nos mais.

Enquanto vamos a sair para o corredor, a Kira diz:

— Vamos festejar com hambúrgueres no GBK? Vamos lá todos antes de seguirmos para o concerto. Deves estar toda entusiasmada por voltares a ver o Noah.

Sinto uma impressão no estômago, o que já não era novidade. Estou entusiasmada — é claro que estou —, mas também nervosa. Já não estou com o Noah desde as férias da Páscoa, quando ele passou comigo o meu 16.º aniversário. Agora, estamos prestes a passar duas semanas na companhia um do outro. E embora eu não queira mais nada — e não pense em mais nada —, não consigo deixar de imaginar se tudo será igual.

— Vou ter convosco ao restaurante — digo. — Só tenho de ir buscar umas coisas ao gabinete da professora Mills e depois passar por casa para mudar de roupa.

A Kira aperta-me o braço.

— Oh, meu Deus, também tenho de ver o que vou vestir!

Mostro um leve sorriso quando ela se afasta a toda a pressa, mas o alívio por ter terminado os exames é substituído por uma nova boa dose de nervos. Do tipo será-que-o-meu-namorado-ainda-gosta-de-mim. Sei que deveria sentir-me mais confiante em relação ao facto de o Noah gostar de mim tal como sou, mas quando o vosso namorado é hoje em dia um dos novos músicos mais famosos do planeta isso não é assim tão simples.

Os corredores estão praticamente desertos e o único som que se ouve é o chiar das minhas sapatilhas *Converse* no chão de

linóleo. Nem acredito que esta é a minha última conversa com a professora de Fotografia, a professora Mills. A impressão que tenho é que ela esteve sempre presente ao longo do ano — é provavelmente a única pessoa com quem realmente me abri sobre o que aconteceu no Natal e Ano Novo, sem contar com os meus pais. Mesmo com o Elliot por vezes contendo-me um pouco. Ter um par de ouvidos imparcial foi algo que nunca quis — mas também nunca precisei.

Não ajudou o facto de eu ter sofrido um ataque de pânico no pequeno armário que a professora Mills converteu numa câmara escura improvisada. Foi apenas um par de semanas depois de ter «estourado» online a notícia sobre mim e o Noah. Por norma, acho a câmara escura relaxante, mas ou foi por causa dos vapores ou do espaço fechado — ou pelo facto de a fotografia que eu estava a revelar ser do belo rosto do Noah, que eu já não via há décadas —, quase desmaiei com os químicos. Felizmente, foi depois das aulas, por isso ninguém teve de ver a «Penny em Pânico» de novo em ação, e a professora Mills preparou-me um chá e deu-me biscoitos, até eu começar a falar e nunca mais parar.

Desde então que me tem ajudado, mas eu sei o que me teria ajudado mais: o meu blogue. Escrever no blogue sempre foi muito libertador. Apesar de ter posto todos os meus *posts* futuros do Miúda Online em privado depois de publicar «De Conto de Fadas a Filme de Terror», não pude ignorar a comichão familiar que me apetecia coçar — aquela necessidade urgente de partilhar os meus pensamentos com o mundo. O Miúda Online foi o meu escape criativo e emocional ao longo de mais de um ano e senti saudades dele — e da comunidade de leitoras online a que vim a chamar amigas. Já sei, se lhes tivesse pedido ajuda, as leitoras do meu blogue ter-me-iam apoiado a ultrapassar isto, tal como o fizeram nas primeiras fases da minha ansiedade.

Mas a única coisa que conseguia imaginar sempre que fechava os olhos e sonhava em atualizar o meu blogue eram todas aquelas pessoas online cheias de ódio, debruçadas sobre os teclados, à espera de me desfazer em pedaços. Apesar de muitas pessoas me terem apoiado e de terem sido muito amáveis comigo, bastou um comentário horrível para me lançar de novo numa espiral sombria. Nunca antes me senti tão paralisada, tão incapaz de escrever. Por norma, as palavras fluíam-me dos dedos como se fossem água, mas tudo o que escrevia parecia-me pomposo e errado. Acabei por pôr tudo num diário, mas não era a mesma coisa.

Tentei descrever o que sentia à professora Mills. Nessa espiral, as pessoas online tornaram-se palhaços com uma maquilhagem espessa — e, quando sorriam, tinham os dentes afiados como lâminas. Eram como monstros, mas em vez de se esconderem no escuro, estavam ali à vista de toda a gente. Eram os meus piores receios combinados num só. Eram um milhão de pesadelos. Deram-me vontade de pegar nas minhas coisas e mudar-me para uma tribo remota na floresta tropical da Amazónia para quem os aviões são espíritos malignos enviados pelos deuses. O Elliot falou-me dessa tribo. Aposto que nunca ouviram falar do Miúda Online ou do Noah Flynn. Aposto que não sabem o que é o *Facebook*. Ou o *Twitter*. Ou vídeos virais, que parecem nunca desaparecer.

Se eu vivesse apenas em Brighton, em Inglaterra, tudo estaria bem. A maior parte do pessoal da minha escola esqueceu o meu «escândalo», da mesma forma que esqueceu o nome do vencedor da edição do ano passado do *Factor X*. O meu pai diz que as notícias de hoje amanhã já estão velhas. E tem razão — o interesse em descobrir coisas sobre o meu blogue, e até sobre o Noah e eu, desapareceu quase por completo. Mas eu não vivo numa floresta tropical e nem sequer em Brighton. Não, eu sou uma habitante do Planeta Internet, e neste momento trata-se do pior

local do mundo para se ser eu — porque, na Internet, temo que nunca ninguém vai esquecer.

Mas houve pelo menos uma coisa boa que veio da Internet. A Miúda Pégaso e eu trocámos de endereços de e-mail depois de ela me ter apoiado, e ela passou da mais fiel seguidora do Miúda Online a uma das minhas melhores amigas — apesar de nunca nos termos conhecido em carne e osso. Depois de me ter ouvido lamentar pela milésima vez sobre o desejo de que o Miúda Online ainda existisse, ela disse-me que eu podia alterar as definições do meu blogue para que só pudesse ser lido por pessoas a quem eu desse uma palavra-passe. Agora, ela, o Elliot e a professora Mills são as únicas pessoas que leem as minhas divagações, mas é muito melhor do que nada.

Vejo a professora Mills através do vidro deformado da porta da sala de aulas dela, com o cabelo castanho-claro a cair-lhe para a frente quando se debruça sobre as provas. Bato à porta e ela olha para cima para mim, a sorrir.

— Boa tarde, Penny. Por este ano está feito, certo?

Assinto com a cabeça.

— Saí agora mesmo do meu exame de História.

— Fantástico! Entra.

Ela espera até eu me sentar numa das cadeiras duras de plástico. Estão espalhados por toda a sala os projetos dos meus colegas estudantes de Fotografia, instalados em quadros pretos de esferovite prontos para a exposição de verão. Contra a vontade da professora Mills, pedi especificamente para não expor o meu trabalho. Concluí todas as tarefas, mas não me vi capaz de mostrar as minhas fotos a outras pessoas. A maior parte da minha turma pôs online os seus portefólios, mas deixei de carregar o meu depois do Natal. Tenho pavor de que alguém descubra e o use para gozar comigo. Em vez disso, tenho andado a compilar um portefólio em papel que todas as semanas mostro

à professora Mills. O ato físico da criatividade tem sido muito terapêutico.

Ela pega no meu portefólio e devolve-mo.

— Excelente trabalho, como sempre, Penny — comenta, com um sorriso. — Este vai ser o nosso último encontro nos próximos tempos, não é? Queria falar contigo sobre o teu último *post*. As coisas melhoram, sabes?

Encolho os ombros. Ir vivendo um dia de cada vez parece-me ser a única forma de lidar com as coisas.

E, como se me lesse os pensamentos, a professora Mills prossegue.

— Acho que podes fazer bem mais do que apenas sobreviver a cada dia. Podes florescer, Penny. Passaste por muito neste último ano letivo. Ainda bem que decidiste continuar com os níveis avançados, especialmente em Fotografia, mas acho que não te deves preocupar em demasia com as tuas escolhas. Ainda não te é pedido que saibas o que queres fazer.

Quero acreditar nela, mas é difícil. Dá-me a ideia de que já toda a gente tem as suas vidas traçadas, exceto eu. Não é algo que o Elliot compreenda. Ele sabe que quer estudar moda e sonha em ter um dia a sua própria marca. Acabei de descobrir que a Kira quer ser veterinária, por isso está a fazer Biologia e Matemática para ter a garantia de acesso a uma boa universidade. A Amara é uma espécie de génio da Física e sempre quis ser cientista, por isso está encaminhada. Tudo o que eu gosto de fazer é tirar fotografias e escrever *posts* no blogue, que só posso publicar em segredo para um grupo restrito de pessoas chegadas. Acho que isso não dá para fazer carreira.

Sei que há um mar de oportunidades lá fora, mas estou encailhada na costa, sem preparação para mergulhar.

— Nem sempre quis ser professora? — pergunto.

Ela ri-se.

— Na verdade, não. Caí nisto meio por acaso. Queria ser arqueóloga! Até que percebi que a arqueologia não são aventuras tipo Indiana Jones e que envolve demasiadas vezes classificar fragmentos minúsculos de ossos ao longo de horas a fio. Passei muito tempo a sentir-me perdida.

— É como eu me sinto — digo. — Perdida na minha própria vida. E não sei usar uma bússola. Há um GPS para orientar as nossas vidas?

A professora Mills ri-se.

— Independentemente do que te possam dizer os *outros* adultos, vou contar-te um segredinho: não precisas de saber já. Só tens 16 anos. Vai em frente e diverte-te! Vive a tua vida. Baralha bem essa tua bússola interna e põe-na a rodar para que não saiba para onde apontar. Como eu te disse, tornei-me professora completamente por acaso, mas agora não queria outra profissão. — Inclina-se para mim e sorri. — Então, estás ansiosa pelo concerto de logo à noite? Não se falou de outra coisa nas aulas. O Noah não vai fazer a primeira parte dos Sketch?

Sorrio, satisfeita com a mudança de assunto. Animo-me ao pensar que vou voltar a ver o Noah. Há uma altura em que o *Skype* e as mensagens de texto já não bastam, e essa altura é agora. Vai ser também a primeira vez que o vou ver atuar ao vivo em palco, diante de milhares de miúdas aos gritos.

— Sim, é o número de abertura. É uma coisa em grande para ele.

— É o que parece. Bem, trata bem de ti ao longo do verão. E não te esqueças de te preparares para o Nível A de Fotografia. — Aponta para o meu portefólio. — Tens a certeza de que não o queres expor? Tens aqui alguns trabalhos fantásticos que merecem ser reconhecidos.

Abano a cabeça. Ela suspira, mas sabe que é uma batalha perdida.

— Bem, a única coisa que te posso dizer é que não deixes de escrever no teu blogue, Penny. É o teu talento. Sabes como te ligar com as pessoas, e não quero que percas isso. É esse o teu trabalho de casa, juntamente com as fotos. Quando regressares, quero um relato completo das tuas viagens.

Sorriso, enfiando o bloco de notas do portefólio na minha mala.

— Obrigada por toda a ajuda que me deu este ano, professora Mills.

Penso no trabalho de Fotografia que nos marcou para o verão. A professora Mills pediu-nos que procurássemos «perspetivas alternativas»; um desafio para vermos as coisas de um ângulo diferente. Não faço ideia do que hei de fazer, mas de certeza que acompanhar a digressão do Noah me vai dar um milhão de oportunidades diferentes.

— De nada, Penny.

Saio da sala de aulas e regresso aos corredores vazios. Sinto o coração aos pulos dentro do peito quando acelero o passo, até começar a correr. Irrompo pelas portas que dão para o exterior, abro os braços no ar e rodopio no degrau de entrada da escola. Fico corada ao perceber que aquilo deve ter dado um ar piroso, mas nunca ansiei tanto pelo final do ano letivo. A liberdade nunca me soube tão bem.

25 de junho

Os Exames Chegaram Oficialmente ao Fim! (E Como Lhes Sobreviver Quando Regressarem)

Rufo de tambor, por favor... por este ano acabou a escola! Feito! *Finito!*

Não foi assim tão mau. Repito: não foi assim tão mau. Mas tive alguma ajuda (um grande obrigada ao Wiki, o meu melhor compincha!), a começar por algumas estratégias para enfrentar problemas quando parecia que tudo o que eu fazia era estudar... estudar... e voltar a estudar!

Se não passar já a escrito essas estratégias, sei que as vou esquecer quando regressar, para o ano, a época de exames. Por algum motivo, independentemente das vezes que me sento para fazer um exame, acho-os sempre aterradores.

Cinco Formas de Sobreviver aos Exames (da Parte de Alguém Que ODEIA Exames)

1. Rever

OK, há quem possa dizer que esta é óbvia, mas este ano fiz uma tabela com todos os temas e ofereci a mim própria uma estrela de ouro

autocolante sempre que completava uma hora de revisão. Foi um pouco como regressar à primária, mas, na realidade, ver o progresso que eu estava a fazer (em forma de uma constelação de estrelas na tabela) levou a que me sentisse muito mais confiante na minha preparação.

2. Subornos

Não para os professores ou examinadores, mas para nós próprias! Sempre que concluía uma semana de revisões (ver Passo 1), ia ao Gusto Gelato e oferecia a mim própria um hambúrguer de gelado de recompensa. Nada como recorrer a um docinho para ganhar motivação!

3. Fazer as perguntas difíceis primeiro

A melhor dica do Wiki! Ele diz para nos concentrarmos primeiro nas perguntas que valem mais pontos, para não ficarmos presos no final e termos de escrevinhar disparates na grande composição.

4. Café

Eu nem sequer gosto de café, mas, segundo o meu irmão, ajuda. Experimentei, mas sempre que bebi um bocadinho, retraí-me e acabei por ficar acordada a noite toda, atormentada por arrepios de ansiedade. Por isso, afinal, se calhar não é uma dica lá muito boa...

5. Sonhar com o verão

Lembrem-se de que há vida depois dos exames! Foi basicamente isto que me fez aguentar. A noção de que em breve iria estar de novo com o Rapaz de Brooklyn...

A Miúda Offline... nunca fica online xxx

★ ★ ★ *Capítulo Dois* ★ ★

Durante o caminho para casa, o meu nível de excitação manteve-se sempre em crescendo — de tal forma que praticamente danço valsa na cozinha. Parece-me algo apropriado, porque a minha mãe está vestida com um vestido brilhante completamente à *Dança com as Estrelas*, rodopiando enquanto ela e o Elliot dançam uma salsa sensual sobre a tijeira preta-e-branca. O namorado do Elliot, o Alex, está sentado num banquinho da ilha, a fazer de júri, a gritar pontuações de um modo extravagante.

— Sete!

— Uma tarde normal em casa dos Porters.

— Querida Penny, já chegaste! — diz a minha mãe, entre dois passos de dança. — Não me contaste que o Elliot dançava tão bem.

— É um homem com muitos talentos!

Terminaram com um elaborado mergulho — do Elliot, feito pela minha mãe.

Eu e o Alex desatamos espontaneamente a aplaudir.

— Vamos lá a cima? — digo ao Elliot e ao Alex. Eles assentem com a cabeça numa quase perfeita sincronia.

Vê-los faz-me sentir o habitual baque no coração. O Elliot e o Alex são o par perfeito — e não têm de competir com as minhas

angústias de longa distância com o Noah. Podem estar juntos sempre que querem, sem terem de se preocupar com fusos horários ou se o wi-fi é suficientemente forte para aguentar o *Skype*. Estão completamente à vontade na presença um do outro.

Na realidade, passam tanto tempo juntos que a minha família lhes deu a sua própria alcunha de casal, como Brangelina ou Kimye. São os Alexiot.

— Os Alexiot ficam para o jantar? — pergunta a minha mãe antes de desaparecermos escadas acima.

— Não. Vamos comer uns hambúrgueres ao GBK antes do concerto! — gritei em resposta.

— Vamos? — questiona o Elliot, erguendo uma sobrancelha. Retraio-me.

— A Kira convidou-nos. Há problema?

Os Alexiot entreolham-se, mas aquilo parece contar como um sim.

— Não há problema, Pennyliciosa — diz o Elliot. Estende o braço para trás e agarra a mão do Alex, e eu sorrio.

Lembro-me do dia em que se conheceram, pouco antes do Dia de São Valentim. O Elliot tinha-me arrastado para uma loja de roupas *vintage* numa zona obscura das Brighton Lanes, apesar de lá termos estado na véspera e de termos a certeza de que não iam ter peças diferentes. Mas depois vi um tipo novo descontraído atrás do balcão. Levei uns segundos, mas reconheci-o.

— Oh, meu Deus, Penny, ele é tão giro! — O Elliot tinha-me puxado para trás de um cabide de roupa e tapou-se com uma enorme boa de penas.

— É o Alex Shepherd — disse eu. — Anda no 12.º ano na nossa escola. — Claro que eu o conhecia, mas principalmente por a Kira ter um grande fraquinho por ele. Baixei o meu tom de voz. — Tens a certeza de que é *gay*?

Ele revirou os olhos.

— Achas que te trazia aqui se não tivesse a certeza? Andamos a fazer olhinhos um ao outro desde que começou a trabalhar aqui há duas semanas.

— Tu fazes olhinhos a toda a gente — comentei, dando-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Não desta forma. — Piscou-me exageradamente o olho, o que me fez rir.

— Então, porque é que não avançaste?

— Já vai. Dá-me só... um tempinho.

A Kira iria ficar destroçada ao descobrir que o Alex dava para o outro lado, mas ultrapassaria isso. Ele era um pouco mais certinho do que imaginei para o Elliot, mas tinha um brilho malicioso no olhar que levaria qualquer um a derreter-se. Quando espreitei para lá do cabide para olhar outra vez para ele, ainda estava a olhar para nós, por isso levantei a mão para fazer um pequeno aceno.

— Penny, o que estás a fazer? — O sussurro do Elliot subiu de tom pelo menos uma oitava.

E depois sorri.

— A acelerar as coisas. Além disso, estou só a ser educada. Ele estava a olhar para aqui. OK, ele vem aí... Descontraí.

— Ele o *quê*? — O Elliot ficou lívido de pânico, mas alisou o cabelo com a mão. — Como é que estou? Já sabia que hoje não devia ter trazido este chapéu *trilby*! Dá um ar demasiado desligado; devia ter vestido qualquer coisa mais fixe.

— Elliot, estás a divagar. — Nunca o tinha visto assim tão nervoso. Puxei a boa para baixo para que não parecesse um boneco de peluche na cabeça dele. — E, além disso, o teu *trilby* parece... — Mas antes de conseguir concluir a frase o Alex já estava ao pé de nós.

— Posso ajudar-vos? — perguntou, com um leve sorriso. Não desviou o olhar do Elliot por um instante que fosse.

— Queres casar-te comigo? — disse o Elliot por entredentes.

— Como assim? — O Alex franziu ligeiramente o sobrolho.

— Oh, nada... Estava só aqui a pensar se poderias encontrar-me um lenço que combine com o meu chapéu? — O Elliot parecia outra pessoa. O nervoso dele pareceu desvanecer-se à minha frente e ele retomara o seu habitual estado de confiança.

— Claro que sim. Tenho mesmo aqui algo que cai bem com a tua onda *Grande Gatsby*. — O Alex avançou até outro dos cabides da loja.

— Sabias que a mulher do F. Scott Fitzgerald não aceitou casar-se com ele enquanto ele não arranjou contrato para um livro? — disse o Elliot, seguindo o Alex.

— Não sabia, mas sei que ele era muito mau em ortografia — ripostou o Alex, sem perder o andamento.

Fiquei a ver os dois a afastarem-se, trocando factos sobre um autor que eu ainda tinha de ler (também ainda não tinha visto o filme do livro). Era como se fossem conhecidos de longa data. Percebi então que deveria deixar ali o Elliot. Não o queria atrapalhar.

Mas, ao bom estilo da Penny, bati de costas num expositor de casacos, derrubando no chão uma pilha de casacos de pele *vintage* e de estolas. Fiquei muito corada e comecei a apanhar as peles e os casacos grossos, mas estava tudo numa grande confusão. Estraguei por completo o momento ao Elliot.

O Alex e o Elliot apareceram de imediato ao meu lado.

— Eu arrumo isto... não te preocupes — disse o Alex.

— Eu ajudo — disse o Elliot. Ambos se baixaram e cada um pegou numa ponta de uma comprida estola de pele, puxando-a até as suas mãos se tocarem. Quase senti a faísca de eletricidade no ar. Era o momento esparguete e almôndegas de *A Dama e o Vagabundo* — um filme que eu vira, muitas vezes, em criança. Murmurei umas desculpas e tentei esgueirar-me de novo da loja, mas desta vez nenhum deles reparou. Desde então que eles são

um só. E gosto de pensar que a minha falta de jeito deu uma *pequena* ajuda.

Agora, os Alexiot têm de me ajudar a responder à pergunta mais importante: o que vestir quando se vai estar na vida real com o nosso namorado, ao fim de dois meses? Corremos escadas acima até ao último andar, onde fica o meu quarto. O Alex subiu os degraus de par em par com as suas pernas compridas. É muito mais alto do que eu e o Elliot.

— Hum, Penny... Não é suposto partires amanhã em digressão? — pergunta o Alex quando chega ao cimo das escadas e para à porta do meu quarto.

— O que queres dizer com isso?

Mas eu sei exatamente o que ele quer dizer. É como se tivesse passado um tornado pelo meu quarto. Todas as peças de roupa que alguma vez vesti — todos os lenços, cintos e chapéus — estão amontoadas em cima da cama. Altas pilhas de apontamentos dos estudos estão pousadas na secretária e há restos de cartão no chão que sobraram depois de eu ter montado o meu portefólio de Fotografia.

O único local limpo em todo o quarto é o assento junto à janela, onde preendi um recorte de uma revista de celebridades com uma foto do Noah comigo, o braço dele pousado sobre os meus ombros. A legenda diz: *Noah Flynn e a namorada*. Foi a primeira vez que apareci numa revista e, apesar de o meu cabelo estar todo despenteado, guardei-a como recordação. Também lá está um calendário praticamente coberto de estrelas douradas e o dia de hoje tem um círculo a vermelho.

O Elliot passa em bicos de pés por entre o entulho.

— Pela Santa. A Oceano Forte tem problemas em guardar coisas.

«Oceano Forte» foi o nome que eu e o Elliot arranjámos para o meu *alter ego*, aquele a que recorro sempre que me sinto ansiosa,

como a Beyoncé usava «Sasha Fierce» como uma presença protetora em palco. A Beyoncé já não precisa da Sasha, e um dia espero não precisar da Oceano Forte. Mas, por agora, agarro-me ao nome como se fosse um colete salva-vidas que me mantém à tona nos mares tempestuosos da minha ansiedade.

Aponto para a cama.

— Hum... senta-te, se calhar... — Empoleiro-me no alto de um monte de camisolas pousado na cadeira do meu toucador.

— Tenho medo de encontrar por aqui o corpo da Megan, debaixo de alguma coisa — diz o Elliot, franzindo o nariz.

Deito-lhe a língua de fora.

— Como se isso fosse possível.

Quando entrei na escola, a Megan era a minha melhor amiga, mas ela mudou, transformando-se numa rapariga de alta manutenção louca por rapazes e obcecada consigo própria que eu deixei de reconhecer. No ano passado, ficou com ciúmes devido ao meu suposto relacionamento com o Ollie, um tipo por quem eu tive um grande interesse antes de conhecer o Noah. Nunca houve nada entre nós, mas a mera desconfiança disso foi o suficiente para deixar a Megan louca de ciúmes. Foi o Ollie que descobriu o até aí blogue anónimo que eu tinha e reconheceu o Noah, contando depois à Megan. Ela, por sua vez, somou dois mais dois e disse aos *media*, expondo-me à imprensa e ao público.

Ainda assim, tive a minha vingança quando eu e o Elliot confrontámos a Megan e o Ollie num café, tendo tudo terminado com os nossos batidos a serem despejados sobre as cabeças deles. Depois do *Batidogate* nunca mais estive com a Megan. As notícias do incidente — que ainda é o meu grande momento de reunir-coragem-para-enfrentar-as-coisas — espalharam-se pela escola como um incêndio descontrolado.

Mas raparigas como a Megan nunca deixam de ser fixes por muito tempo. É como se a autoconfiança dela viesse sempre à

tona e as coisas más ou embaraçosas deslizassem dela como água sobre as costas de um pato. Ela até faz piadas com o facto de o gelado ser a explicação para o aspeto branquinho dela. E agora foi aceite na melhor escola de teatro de Londres. Vai voltar a ser intocável e a ocupar o seu espaço no topo do mundo.

Até o Ollie vai deixar a nossa escola. Toda a sua família decidiu mudar-se para ajudar o irmão dele a elevar o seu ténis ao patamar seguinte. Sinto-me mal por ele. Mesmo depois do que me fez, não acredito que seja mau tipo. E agora está encurralado na sombra do irmão. Assim de repente, as minhas duas «némesis» vão à vida. O único desafio que me resta é ultrapassar-me a mim própria.

O Elliot bate com as palmas das mãos. Está em puro estado de organização tipo Monica, da série *Friends*.

— Muito bem, onde é que está a tua mala de viagem?

— Hum... Acho que o Alex está sentado em cima dela.

O Alex levanta-se de um salto e retira uma pilha de roupa de debaixo dele. As laterais da mala cor-de-rosa ficam finamente à vista, sob o caos dos meus pertences.

— Ora diz lá outra vez, quanto tempo vais estar fora? — pergunta o Alex, avaliando a mala prestes a rebentar de cheia.

— Ela vai estar fora catorze dias, três horas e vinte e um minutos — responde o Elliot. — Vou contar todos os segundos!

— E parece-me que os meus pais também — digo, com um sorriso envergonhado.

— Eles demoraram muito tempo a aceitar a ideia? — pergunta o Alex.

— Oh, só dois meses, desde que o Noah sugeriu isso na Páscoa! Para ser sincera, nem eu tinha a certeza se seria capaz.

Acompanhar o Noah em digressão era uma coisa em grande. Era a primeira vez que eu ia mesmo para fora sozinha. E apesar de terem sido passados a pente fino todos os pormenores, ainda me sentia nervosa com a viagem.

— Claro que és. Vai ser uma experiência incrível e tenho *tanta* inveja. Ora bem, Penny, agora abre a mala e mostra-nos o que levias.

Sigo as instruções dele e acanho-me com a primeira coisa que lá está. O Elliot enfia o braço e retira o maior casaco de malha alguma vez visto, com mangas largas e confortáveis que quase me dão duas voltas ao corpo. É da minha mãe, que o usou, como ela diz, *apenas* enquanto esteve grávida, nem antes, nem depois.

O Elliot puxa-o para fora e segura-o à frente dele. Desce-lhe abaixo dos joelhos.

— Sabes que vai estar no pico do verão quando andares em digressão, certo? Porque é que precisas de levar contigo um rebanho de ovelhas?

Arranco-o das mãos dele.

— É o meu casaco de consolo. — Encosto-o à cara e inspiro o aroma típico da minha mãe. Cheira a casa. — É para me ajudar com a minha ansiedade. A professora Mills disse que se eu me preocupasse por estar ansiosa e com saudades de casa enquanto andasse de viagem deveria levar uma coisa que me fizesse sentir sempre segura. Isso serve para me lembrar de casa. Não me pareceu prático pôr na mala o edredão, por isso a segunda opção era este casaco.

Ele tira-mo da mão, dobrando-o muito direito e colocando-o de novo na mala.

— OK, podes levar este. Mas isto não! — Retira de lá uma camisa rosa-bebé comprida de botões à frente, com rosas de tecido às pregas nos bolsos. — Vais estar em *digressão* e não num chazinho à tarde com a tua avozinha!

— OK, essa pode ir à vida. — Rio-me. — Não tenho jeito nenhum para isto!

O Elliot esfrega exageradamente as têmporas.

— Às vezes acho que és um caso perdido, Penny! Mais tarde vamos ter de tratar disso. Mas regressemos ao que interessa: o que é que vais vestir *hoje à noite*?

Agora, é a minha vez de dramatizar.

— Eu experimentei literalmente tudo o que tenho! Não encontro nada. Achas que dá para ir com um top sem mangas liso e calças de ganga?

O Elliot mostra uma expressão de desaprovação.

— De maneira nenhuma. Isso não é suficientemente elegante.

— E se for isto? — O Alex segura um vestido preto curto rodado do qual eu já me tinha esquecido. Tem estampada uma imagem de uma margarida branca e amarela. Comprei-o na ASOS num dia em que devia estar a rever a matéria com a Kira e a Amara, mas nunca o usei.

— Isto é perfeito! — diz o Elliot. — Meu namorado, senhoras e senhores: consultor de imagem extraordinário.

O Alex encolhe os ombros.

— Ei, já trabalhas há uns tempos numa loja, deves perceber do assunto.

Arranco o vestido dos braços estendidos do Alex e enfio-me na casa de banho. Visto o vestido rodado e olho-me ao espelho.

Não acredito que vou finalmente ver o Noah a atuar. Parece que sempre desejei e temi este momento desde que recebi a chamada a dizer que ele ia fazer a primeira parte da digressão dos Sketch. Solto o comprido cabelo ruivo do puxo, que me cai em ondas em volta do rosto. A minha mãe ensinou-me um pequeno truque com o *eyeliner* que estou agora a experimentar, afastando o traço para lá do canto exterior do olho. Instantaneamente, os meus olhos parecem mais sedutores e felinos. Talvez eu consiga concretizar isto. O meu novo slogan: *Namorada de Noah Flynn*.

Penso que vou enlouquecer quando começo a ouvir na minha mente as primeiras batidas do álbum do Noah, mas, ao abrir a

porta da casa de banho, percebo que o Elliot e o Alex estão a interpretar «Elementos», uma das oito canções de *Miúda de Outono*. Cada canção escrita pelo Noah é melhor do que a anterior, mas a faixa principal, «Miúda de Outono», composta para mim, ainda é, naturalmente, a minha preferida.

Os Alexiot estão de mãos dadas e o Elliot tem a cabeça apoiada no ombro do Alex. São tão queridos e não quero intrometer-me. Mas o Elliot deve ter-me ouvido porque olha-me por cima do ombro. Fica de queixo caído.

— Vais *arrasar*, Oceano Forte!

— Ora essa, obrigada — digo, fazendo uma pequena vénia.

— Muito bem, pessoal... Vamos fazer-nos à estrada — diz o Elliot num tom arrastado.

Eu e o Alex olhamos para ele, franzindo as sobrancelhas.

— O que foi, não gostam do meu novo estilo? Achei que era melhor praticar antes de estar de novo com o Noah. Agora, acessórios. — Enfia-me uma mão-cheia de pulseiras no pulso e põe-me um colar comprido em volta do pescoço. Sorri-me. — Agora, para ficares pronta, só precisas das tuas *Converse*.

Olho para o espelho de corpo inteiro.

— Estás fantástica, Pen. Esse conjunto é perfeito — comenta o Elliot.

— Leah Brown, até podes ser a estrela da *pop* mais *sexy* do planeta, mas ficas atrás da minha miúda.

Permito-me sorrir e dizer a mim própria que estou com bom aspeto. E estou. Sinto-me confiante. Mas, ainda assim, pego num casaco para vestir por cima do top.

— O que foi? — pergunto. — Pode estar frio no restaurante.

— Por falar nisso, é melhor irmos indo. — O Elliot olha para baixo para o seu relógio.

— Tom — grito pelas escadas a chamar o meu irmão. — Podes levar-nos?

Ouço um resmungo em resposta que assumo tratar-se de um «sim». Mas, quando chegamos lá fora, o Alex não entra no carro. Enfia as mãos nos bolsos.

— Desculpem lá, primeiro tenho de ir a casa tratar de umas coisas. Encontro-me convosco no concerto, está bem?

A boa disposição do Elliot desaparece e este fica de ombros caídos.

— A sério? — pergunto. — Sei que deve ser uma seca sair com um bando de gente do 10.º ano, mas a maioria do pessoal é fixe.

— Não é isso — diz ele. — É que tenho umas coisas para tratar.

— Oh, OK.

Ele inclina-se e dá um beijo rápido ao Elliot, mas este parece desligado. Depois, quando o Alex vai embora, encolhe os ombros e regressa de repente ao seu normal. — Vamos embora!

Uns minutos mais tarde, encostamos em frente ao GBK, cortesia do *chauffeur* Tom. O Elliot salta do carro, mas quando estou prestes a segui-lo, o Tom estende o braço e agarra-me.

— Se te meteres em apuros ou precisares de ajuda, liga-me logo, percebeste, Pen-Pen?

Dou-lhe um abraço, que ele aceita com os ombros tensos. Mas eu sei que ele me adora mesmo.

Numa noite de sexta-feira, Brighton está cheia de gente que regressa a casa nos arredores depois de um dia de trabalho em Londres e de pessoal que se dirige para uma saída noturna. Há um rapaz, que parece mais novo do que eu, a tocar guitarra sentado no chão. Canta suavemente, mas tem uma voz fantástica. Não para mais ninguém para o ver — nem sequer o Elliot, que está tão enroscado no seu mundo que poderia passar diante da Orquestra Sinfónica de Londres sem reparar —, mas dou por mim ali especada. Criei raízes em frente à bela música do rapaz.

— Posso tirar uma foto? — peço-lhe, quando ele arranha o último acorde.

— Claro — responde. Disparo umas fotos e depois retiro uma libra da carteira, que deposito no estojo da guitarra. Sorri de gratidão e vai a correr para o restaurante quando o céu se abre e desata a chover a potes. Típico verão britânico.

Lá dentro, está toda a gente à espera. O Elliot vem a correr na minha direção e faz-me parar.

— Não te passes — diz ele.

— Como assim? — Franzo o sobrolho. Mas depois ele afasta-se um passo para o lado.

A Megan está de pé atrás dele.

E traz um vestido igualzinho ao meu.

★ ★ ★ *Capítulo Três* ★ ★

Aperto ainda mais o casaco em volta do meu corpo, cobrindo o vestido. A Megan sorri serenamente, parecendo surpreendentemente descontraída com o assunto, mas isso será por eu já ter ficado vermelha como um tomate com a vergonha. Quase dou meia-volta e saio de imediato do restaurante, mas o Elliot agarra-me a mão e aperta-a ligeiramente.

— Oh, meu Deus, Penny, temos vestidos iguais! — diz a Megan, fazendo esvoaçar o seu comprido cabelo acastanhado. — Também compraste na ASOS? É bom que o Noah não me veja primeiro, senão ainda se confunde e dá-me um livre-trânsito para os bastidores.

Pisca-me exageradamente o olho, o que me faz revolver o estômago. Não consigo evitar pensar que o vestido assenta muito melhor nela do que em mim.

— Vê se cresces, Megan. É só um vestido... não é um transplante de cérebro que vai fazer de ti uma pessoa mais simpática — dispara o Elliot.

A Kira está sentada na mesa atrás da Megan. Sorri como que a pedir desculpa e encolhe os ombros. Sinto uma pontada forte no coração ao pensar se a Kira terá falado à Megan do

vestido que encomendei. Mas digo a mim própria para não ser tão paranoica.

— Ainda bem que pudeste vir, Penny! — diz a Kira. — O Noah vem ter connosco?

Sinto toda a gente a voltar-se para mim, mesmo quem se encontra nas outras mesas. Rio-me nervosamente.

— Oh, não me parece. O Noah está muito ocupado a preparar-se para o espetáculo. Vou ter com ele mais tarde.

O Elliot empurra-me pelo restaurante fora até a um cubículo o mais longe possível delas sem parecermos grosseiros. Parece que toda a minha escola e metade da do Elliot vão ao concerto. É claro que estão todos entusiasmados por ver o Noah Flynn, mas a banda principal, os Sketch, neste momento é *enorme*. São um grupo de quatro rapazes dos EUA que irromperam no ano passado na cena musical com a canção «Só Há Uma». Já deram concertos em Manchester e Birmingham, mas este é o primeiro em que o Noah participa. Ele depois vai acompanhar os Sketch pela Europa e eu vou com ele.

Sinto o estômago às voltas de nervos, mas de excitação. Deslizo para dentro do cubículo e o Elliot senta-se à minha frente.

— *Blherg*, nem acredito que temos de estar na mesma sala com a Meganojenta — comenta o Elliot. — Explica-me lá outra vez porque é que concordaste em encontrar-te aqui com toda a gente?

— A Kira convidou-me e não soube como me escapar. Vão todos ao concerto, por isso fazia sentido irmos juntos. Além disso, é o Brighton Centre. É tão grande que espero não voltar a cruzar-me com eles — digo.

— Sabias que no Brighton Centre há 4500 lugares sentados e que foi o último local onde o Bing Crosby atuou antes de morrer?

— É o tipo que cantava o «White Christmas»? Como é que sabes essas coisas todas, Wiki? — digo, com uma gargalhada.

— Eu sei tudo, Menina Penny P. Já sabes disso. Pelo menos vamos ficar no camarote VIP — realça o Elliot, exibindo, com um sorriso, o seu bilhete. — Primeira classe, cá vamos nós. — Abana o rabo no banco. — Uau, se nós estamos assim tão excitados, imagina o Noah.

— Oh, o Noah nunca fica nervoso! — Todavia, embora eu assim o diga, não sei se é mesmo verdade. Nunca antes o vi a atuar a sério — não diante de uma plateia tão grande. — Sei que está superentusiasmado. É a oportunidade dele de ter êxito na Europa.

— Sim, depois de tocar com os Sketch, é impossível as pessoas não saberem quem ele é. Mesmo alguém como tu iria saber de quem se tratava!

Sorrio, mas as palavras do Elliot deixam-me desconcertada. É estranho pensar que ainda há apenas seis meses eu não fazia ideia de quem era o Noah Flynn, e agora toda a gente está prestes a conhecê-lo. Serei eu capaz de me manter ao lado do Noah durante o turbilhão que se aproxima?

— Já conheceste o resto da banda? — pergunta o Elliot.

Abano a cabeça.

— Ainda não, mas sei que ele está acompanhado por alguns dos seus melhores amigos.

— Quem me dera poder ir contigo — diz o Elliot, cabisbaixo.

— Também eu gostava que viesses! Mas vais passar um tempo estupendo na *CHIC* — relembro-o. O Elliot tem andado ansioso pelo seu estágio desde que no início do ano soube que fora aceite.

— Sabias que a *CHIC* foi fundada em 1895?

Estendo o braço sobre a mesa e pouse a mão sobre a do Elliot. Sei distinguir quando ele debita factos por estar nervoso e não por diversão.

— Vai ser fantástico — digo, dando-lhe confiança.

A empregada de mesa aparece e pergunta o que queremos, mas sinto-me tão nervosa que quase não consigo comer. Enterro a cara na ementa e pedimos mais uns minutos para pensar, mas quase imediatamente desejo que ela tivesse ficado. Atrás dela está a pessoa que tanto temo.

— Olá, Penny.

Baixo lentamente a ementa.

— Ah... oi, Megan.

O Elliot lança-lhe um olhar fulminante, mas a Megan ignora-o. Em vez disso, concentra-se em mim.

— Lamento que estejamos a usar o mesmo vestido... Queres que eu vá mudar? Posso ir num instante a casa antes do concerto.

Ora bem, *esta* é uma faceta da Megan da qual eu não estava à espera: a faceta doce e amável. Por momentos, tenho um vislumbre da rapariga que conheci no passado. Mas é-me difícil separar essa rapariga daquela que ainda este ano tentou destruir-me a vida — como duas fotografias sobrepostas, uma dupla exposição da vida real. Ainda não sei qual delas é a verdadeira Megan.

— Não, está tudo bem. Até que é divertido — digo.

Ela sorri-me, e parece tão genuíno.

— E então, estava aqui a pensar... — diz ela, e de repente o sorriso tornou-se tipo tubarão — só dentes — e percebe-se que algo mais a trouxe aqui. — Achas que logo consegues meter-me a mim, à Kira e à Amara nos bastidores? Eu acho que *morria* se conhecesse os Sketch.

Franzo o sobrolho. O Elliot não esconde o desprezo e revira os olhos.

— Oh, não sei... Teria de perguntar ao Noah — respondo.

— E então, porque é que não o fazes?

— Como assim?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Porque é que não lhe envias uma mensagem a perguntar? Tens o número do teu namorado, não tens?

— A Penny não te deve favores — frisa o Elliot.

— Eu não te pedi a *ti*, Elliot — riposta. — Estou a pedir à minha *amiga*.

— Hum, OK... — Levo a mão ao bolso para retirar o telemóvel, mas o Elliot trava-me com um olhar furioso. Inspiro profundamente uma série de vezes e depois ergo o olhar para a Megan. — Eu peço mais tarde ao Noah, mas não prometo nada — digo-lhe. O telemóvel permanece firmemente fora do alcance da vista.

A Megan hesita. Quando percebe que não vou mudar de ideias, encolhe os ombros, tentando dar a ideia de que não se trata de nada de especial.

— Bem, obrigada... Espero ver-te mais tarde, Penny. — Faz uma saída teatral, sempre a sorrir-me. Mas o modo como respondeu ao Elliot fez-me perceber que não mudou nadinha. Agora sim, retiro o telemóvel do bolso e leio a minha última troca de mensagens com o Noah.

Estou ansioso por te ver logo à noite! N

Eu também! Já lá vai muito tempo xxxx

Mais parecendo que o Noah sabe que estou a ler os SMS dele, entra uma nova mensagem no meu telemóvel.

Como é que vais para o concerto?

Escrevo rapidamente uma resposta.

Vou a pé para o Brighton Centre com o Elliot e uns amigos da escola xxxx

Não vais, não. N

Ao ver a mensagem dele, franzo o sobrolho.

— O que se passa? — pergunta o Elliot, ao aperceber-se do meu espanto.

Mostro-lhe o ecrã.

— O que é que ele quer dizer com «Não vais, não»? Como é que ele acha que vou para o concerto?

O Elliot encolhe os ombros, mas a sua boca forma um «O» de espanto. Arregala os olhos a olhar para lá de mim até à entrada do restaurante.

— O que foi? — pergunto.

Antes mesmo de terminar a pergunta, somos cercados por guinchos e gritinhos de deleite. Ouço a Kira gritar «NOAH FLYNN!», e sento-me muito direita no meu assento e rodo para trás.

Ali está ele: o meu namorado, Noah Flynn, extraordinário deus do *rock*. Usa a t-shirt preta que já é a sua imagem de marca,

calças de ganga rasgadas e um grande sorriso. Ao vê-lo, o resto do mundo — o restaurante, os meus colegas de escola, até o Elliot — parece fundir-se. Como uma máquina fotográfica a focar, de repente o resto do mundo parece uma mancha enquanto ele se destaca, focado e nítido.

Ele vê-me e abre ainda mais o sorriso. Avança descontraidamente para o cubículo, ignorando os gritinhos e os olhares espedados das raparigas nas outras mesas, pega-me em ambas as mãos e faz-me levantar do banco.

— Penny Porter, importas-te que te roube daqui?

— Claro que não! — respondo, não desejando nada mais que não fosse desaparecer com ele. Mas de repente lembro-me do Elliot e viro-me para trás. — Importas-te?

O Elliot ri-se.

— Põe-te a andar, Pennyliciosa! Já nem sequer me apetece hambúrguer... Acho que vou tornar-me vegano. — Ele baixa o tom de voz. — Vou procurar o Alex. Estou longe dele há cerca de meia hora e já acho que estou para morrer. — Também sai do cubículo e o Noah dá-lhe um grande abraço.

— Elliot, meu! Que bom ver-te.

— Também é bom ver-te, Noah! Hoje vais arrasar.

O Elliot vira-se para mim.

— Não te esqueças de mim quando andares com os ricos e famosos, OK, Penny?

— Nunca! Vejo-te no concerto. — Sorrio abertamente e depois agarro a mão estendida do Noah. Seguidos pelos olhares boquiabertos dos meus colegas, saímos do restaurante até a um carro que nos aguarda. Está na hora do concerto.

As malas estão feitas. A digressão vai começar.

A Penny é convidada pelo seu deus do rock, o namorado Noah, para o acompanhar na digressão pela Europa. Ela está ansiosa. Mas, quando se confronta com a agenda sobrelotada do Noah, com os membros da banda com ar de poucos amigos e com ameaças de fãs ciumentas, começa a sentir-se um pouco a mais. Além disso, não consegue evitar as saudades da família, do seu amigo Elliot... e do seu blogue, Miúda Online. Conseguirá a Penny equilibrar o amor com o resto da sua vida, ou perderá tudo enquanto procura ter o verão perfeito?



A CONTINUAÇÃO
DO GRANDE BESTSELLER

Miúda
Online



Zoe Sugg, ou *Zoeella*, escreve histórias desde muito pequena. O seu blogue sobre beleza e moda e os vídeos no YouTube têm milhões de seguidores espalhados pelo mundo.

@ZOEELLA WWW.ZOELLA.CO.UK



Vê o vídeo de apresentação deste livro.

www.booksmile.pt

booksmile

livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-32-3

12+



9 789898 831323

Literatura Juvenil